

**Avaliação da competência em leitura de alunos Da 7^{ma} classe dos complexos escolares
Delegado Eusébio Nelson na centralidade do Dundo e do Candjamba**

***Evaluation of competence in reading of students of the 7th class of complex complexes
Delegado Eusébio Nelson na centralidade do Dundo and Candjamba***

Luís Sá Muongueno ^{1*}, João Muteteca Naege ²

¹ Lic. Professor Ensino Geral. Escola Ex-Polícia da Guarda Fronteiriça. luís.muongueno@gmail.com

² Lic. Professor Auxiliar. Universidade Lueji A'Nkonde. naegejoaonauege@yahoo.com.br

*Autor para correspondência: luís.muongueno@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho versa sobre avaliação da competência em leitura de alunos da 7.^a classe dos Complexos Escolares Delegado Eusébio Nelson na Centralidade do Dundo e do Candjamba. Pela sua importância, a avaliação da competência em leitura de alunos permite definir o percurso dos alunos em diferentes momentos da vida escolar e com esses resultados determinar a adopção de métodos por parte do professor. Para compreender o tratamento que os professores dão à avaliação, elaborou-se um inquérito que foi aplicado a 500 alunos e 6 professores das duas instituições.

Palavras chave: Avaliação; Competência; Leitura.

ABSTRACT

The present work is a requirement for the defense of the dissertation with the theme: evaluation of reading competence of students of the 7th class of the School Complexes Delegado Eusébio Nelson na Centralidade do Dundo and Candjamba. Due to its importance, the assessment of students' reading competence allows to define the students' path at different moments of school life and with these results determine the adoption of methods by the teacher. In order to understand the treatment that teachers give to our object of study, a survey was carried out and applied to 500 students and 6 teachers from both institutions.

Keywords: Evaluation; Competence; Reading.

INTRODUÇÃO

O alcance da qualidade de ensino-aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa tem sido uma preocupação dos agentes da educação, não só por se constituir a língua oficial da República de Angola, mas também por ser a do Ensino. Este último factor é determinante para o alcance do sucesso escolar nesta e noutras disciplinas curriculares. E uma das ferramentas impulsionadoras desta qualidade dentro do processo de ensino aprendizagem é a leitura. Pois, a leitura é o meio pelo qual obtemos informações a partir de símbolos escritos. Para que este propósito seja alcançável, considera-se fundamental que o leitor a domine com proficiência. Neste sentido, Marta (2010) conceitua que a leitura “é meio privilegiado para se ter acesso ao conhecimento teórico e prático e para se conquistar a autonomia na aprendizagem”. E quanto à sua pertinência na vida estudantil, “esta competência coloca à disposição dos alunos a possibilidade de melhor compreenderem o mundo que os rodeia e darem respostas às situações que surgem quer na escola, na sociedade e, mais tarde, no mundo profissional” (p.12).

A partir desta função que a leitura desempenha na aquisição do conhecimento, no âmbito escolar e não só, propomos-mos fazer a “Avaliação da competência em leitura de alunos da 7.^a classe dos Complexos Escolares Delegado Eusébio Nelson na Centralidade do Dundo e do Candjamba”. Fazendo um diagnóstico que nos levará a comparação da situação de aquisição de habilidades de leitura de alunos em dois contextos diferentes: no primeiro caso temos alunos que não está claro no segundo caso temos alunos cuja língua primeira uma das línguas nacionais (no caso do Candjamba a maioria dos alunos tem como língua primeira o Cokwe) e que possuem a língua Portuguesa como língua de escolarização.

DESENVOLVIMENTO

Concepções de avaliação

A avaliação é uma etapa muito importante do processo de ensino-aprendizagem, e ela segue a evolução e as tendências educativas. Desse modo, conceituar o termo avaliação levar-nos-ia a considerar diversos autores. Ela é transversal, em todas áreas da vida se faz a avaliação. Ao falarmos da avaliação escolar pensamos em professor e aluno, vice-versa, assim como no processo como um todo.

O ensino é o processo de transmissão de conhecimentos que requer o domínio de conteúdos e que requer conhecimentos universais. É nesta visão que Libâneo (2006) considera que o ensino é “instrução”, destinada à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. Reconhecendo a sua complexidade, o autor salienta que o ensino corresponde a acções, meios e condições para realização da instrução; contém, pois, a instrução.

E a aprendizagem, como processo de absorção de conhecimentos, onde o professor aparece como orientador, isto é, ajudar os alunos a seleccionar os conteúdos úteis. A aprendizagem pode correr com ou sem a orientação do professor.

É importante salientar que o ensino-aprendizagem como processo, ele é bilateral, o aluno pode aprender com o professor e vice-versa.

Por causa desse processo complexo e bilateral, Oliveira & Amante (2016) afirmam que:

"A avaliação é um processo central no ensino e é através da avaliação que o professor pode perceber se a trajetória por ele desenhada resulta na aprendizagem pretendida. Com efeito, a avaliação constitui, cada vez mais, um fator fulcral da qualidade dos processos de aprendizagem sendo deles indissociáveis" (p. 1).

A partir desse conceito, percebemos que avaliar os alunos implica avaliação do processo de ensino, isto é, avaliar a actuação do próprio professor. Esse tipo de avaliação permite ao professor verificar se a aplicação de métodos está a resultar ou precisa mudar de estratégias.

Função da avaliação

A avaliação pode desempenhar diversas funções, desde pedagógica até social. Na função pedagógica, os resultados da avaliação podem definir o grau de organização da escola (materiais de ensino, bom ambiente de aprendizagem, actividades lúdicas), a dedicação dos professores (utilização de métodos de ensino, afectividade, personalidade) e alunos (dedicação, aquisição de conhecimentos que vão

repercutindo nos bons resultados ou não). Na dimensão social, os resultados da avaliação podem reflectir na vida social e profissional dos alunos, isto é, se forem bem formados poderão transformar a sociedade. “Dado o carácter da avaliação e a existência de diferentes modalidades, a avaliação assume várias funções, uma vez que a mesma modalidade de avaliação poderá atender a mais do que uma função” (Afonso, 2011, p. 15).

Segundo a autora, a avaliação pode desempenhar as seguintes funções:

1. "A função social consubstancia-se numa dimensão de formação, atendendo aos fins da educação e à certificação para prosseguimento de estudos e de emprego; numa dimensão de selecção e hierarquização, ligada sobretudo a sociedades competitivas e numa dimensão de democratização nas sociedades modernas, em que todos os cidadãos devem ter uma determinada escolaridade básica.
2. A função de controlo está sobretudo ligada ao “poder” que o professor pode exercer sobre os alunos, estando esta função ligada mais a ambientes de ensino autoritários ou a professores cuja relação com os alunos não é a mais receptiva.
3. A função crítica, ainda que menos realçada, tem a ver com a melhoria que a avaliação pode promover no sistema educativo e no processo de desenvolvimento do curriculum.
4. A função pedagógica será a que mais importa considerar, uma vez que na dimensão pessoal a motivação dos alunos está muito dependente do sucesso que eles obtiverem e a dimensão didáctica é pedra de toque de qualquer processo de ensino-aprendizagem. A avaliação é uma potente impulsionadora da identificação de carências e dificuldades dos alunos. Não se deve ensinar e aprender para a avaliação mas a aprendizagem e o ensino não podem ser separados da avaliação, condicionam-se reciprocamente" (pp. 15-16).

Durante o processo de avaliação, é importante que os professores observem esses princípios de modo a tornar o processo mais eficaz. Depois da avaliação é preciso que o professor pense no resultado como fruto da sua actuação, isso requer a apreciação crítica. É importante também que não nos alegremos com os resultados ou descansemos quando são bons, mas é necessário continuar a procurar novas metodologias de ensino-aprendizagem que se adequam com a realidade dos alunos. Corroboramos com as funções ora propostas pela autora e que a sua observância pode melhorar os resultados dos alunos, concomitantemente a qualidade de ensino-aprendizagem.

Tipos da avaliação

A avaliação está presente em todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem. E quanto aos tipos, podemos destacar avaliação diagnóstica, formativa e sumativa.

Avaliação diagnóstica: situa o professor e aluno no início de um processo de ensino e aprendizagem. É realizada sempre de forma inicial, não se prendendo somente ao início de um novo ano letivo. Aplica-se ao início de um período específico, de uma unidade ou de um novo assunto a ser trabalhado, cuja função é diagnosticar os conhecimentos que os alunos já possuem sobre o conteúdo. Traduz-se em uma sondagem sobre o desenvolvimento e a aprendizagem do conteúdo a ser trabalhado, possibilitando definir o caminho e os pré-requisitos que ainda precisam ser construídos (Rampazzo, 2011, p. 6).

Diniz (2020) refere que a avaliação diagnóstica é utilizada, como o próprio nome sugere, para diagnosticar o desenvolvimento dos alunos em determinados conteúdos. Os resultados obtidos nas avaliações diagnósticas devem ser lidos e analisados com muito cuidado por professores e professoras, já que será com base nessas métricas que acções pedagógicas deverão ser desenvolvidas, para melhorar o desempenho dos alunos, caso isso seja necessário.

Para Leitão (2013), “a avaliação formativa é a avaliação que decorre durante a acção, isto é, é a avaliação utilizada não para finalizar um processo, mas para auxiliá-lo e complementá-lo” (p. 17).

De uma forma breve, as funções (e vantagens) da avaliação formativa frequente são as seguintes: diagnosticar, consolidar, provocar dúvidas, confundir, regularizar e facilitar. Tende a aplicar-se a expressão «avaliação formativa», mas como já distinguimos, avaliação formativa é aquela que se aplica aos alunos durante o seu processo de aprendizagem. Enquanto a avaliação sumativa, marca (habitualmente através de testes escritos) o percurso dos alunos de forma definitiva, o momento de

avaliação formativa é o espaço para os alunos progredirem e ultrapassarem as suas dificuldades. O papel deste tipo de avaliação é na sua natureza oposto ao da avaliação sumativa, pois o seu objetivo principal é o fazer progredir o aluno e isso se reflecte nas funções acima referidas. É um tipo de avaliação totalmente integrado no processo de aprendizagem dos alunos, ao contrário da avaliação sumativa que exige uma suspensão da atividade normal de aprendizagem. No fundo, a avaliação formativa prepara para o culminar que é a avaliação sumativa (Ibid., p. 17).

Diniz (2020) conceitua as avaliações sumativas como sendo avaliações externas. Elas são aplicadas geralmente ao fim de um semestre ou ano lectivo e avaliam os resultados de todos os alunos que cursam determinado ano escolar. Elas são muito importantes para avaliar o desempenho escolar dos alunos como um todo e mostrar aos educadores quais as principais dificuldades dos alunos, de maneira mais abrangente. Elas podem ser usadas, inclusive, para comparar o resultado da escola, ano a ano.

Sobre os propósitos da avaliação sumativa, Diniz (2020) realça que para se obter melhores resultados, é interessante analisar e pesquisar por escolas que oferecem o mesmo tipo de ensino e, talvez, estipular uma nota ou média geral que você deseja que os alunos alcancem. Isso é importante porque dá um panorama geral à escola do que precisa ser melhorado para que o resultado da instituição seja satisfatório e que assim, ela consiga se destacar em sua região.

Paradigmas de avaliação

Os paradigmas de avaliação têm a ver com o tipo de provas que o professor decidir usar em função do nível de assimilação dos alunos. Podendo ser avaliação objectiva, subjectiva ou crítica. Rampazzo (2010) assegura que:

contudo, a prova ainda é um instrumento de avaliação bastante utilizado pelos professores das diversas áreas do conhecimento e em diversas situações. O que se defende aqui, não é abolição da prova, mas a necessidade de se reflectir sobre a utilização e construção desse instrumento, tomando alguns cuidados em sua elaboração e correcção (p. 9).

A prova pode ser apresentada de forma discursiva ou objectiva. Mas, independente do formato que irá utilizar, o professor necessita reflectir sobre sua metodologia, os conteúdos, o projecto da escola, o currículo, o que espera do aluno, para escolher o tipo de prova. Comparar aspectos da prova discursiva e da prova objetiva auxilia na escolha (ibid., p. 10).

Distinção entre avaliação e classificação

Tal como temos vindo a destacar, a avaliação é uma etapa muito importante no processo de ensino-aprendizagem, não só nos permite definir se um aluno tem um bom aproveitamento, mas também para analisar se a metodologia de ensino utilizada pelo professor é adequada ou não. De acordo com Dias (1999):

"(...) a avaliação tem uma intenção reguladora do processo ensino-aprendizagem, permitindo a correcção de desvios de forma a que todos os alunos atinjam os objectivos definidos. É verdade que, normalmente, na prática não é possível o mesmo grau de êxito relativamente a todos os alunos visto que existem factores individuais que nem sempre se conseguem ultrapassar, ou ainda, que os objectivos atingidos podem não ser os mesmos para o conjunto de alunos. Isto, no entanto, não desvirtua nem altera o significado da avaliação" (p. 17).

Ao passo que a classificação, diferente da avaliação, ela analisa os resultados provenientes da avaliação e os classifica se são muito bons, bons, suficientes ou maus. Segundo Mateus (2017), no sistema nacional de ensino, os resultados são classificados em Muito bom, de 18 a 20, Bom, de 14 a 17 valores, Suficiente, de 10 a 13 valores e Mau, de 0 a 9 valores. É preciso que haja avaliação para haver a classificação de resultados.

Instrumentos de avaliação

Ao se pensar na avaliação, o professor deve rotular os instrumentos de avaliação e os tipos de perguntas. O instrumento de avaliação é uma guia que pode ser, para o caso da 7.^a classe, avaliação contínua, aquela realizada no decorrer da aula, prova do professor, prova trimestral e prova da escola. É nesta perspectiva que Rampazzo (2011) considera que

os instrumentos de avaliação possibilitam o acompanhamento da aprendizagem do aluno, visto que expressam o que o aluno aprendeu, deixou de aprender ou ainda precisa aprender”. Quanto à natureza dos instrumentos, eles “apresentam registros de diferentes naturezas: expresso pelo próprio aluno (provas, cadernos, textos e outros) ou expresso pelo professor (pareceres, registro de observação, fichas e outros)”. E sobre a sua utilidade “há instrumentos de avaliação que são mais utilizados e precisam ser refletido quanto a sua elaboração; adequação aos objetivos, conteúdo e metodologia; aplicabilidade; correção e devolução dos resultados (p. 7).

Fazendo cruzamento de ideias entre os tipos da avaliação e os instrumentos de avaliação temos: a avaliação contínua, como o próprio nome diz, é realizada diariamente, com o propósito de o professor verificar o alcance dos objectivos, isto é, visa sondar se os alunos perceberam a aula ou não. Permitindo que o professor mantenha a metodologia ou precisa alterar para se adequar ao nível de assimilação dos seus alunos. Este tipo de instrumento de avaliação pode ser aplicado no âmbito dos tipos de avaliações diagnóstica e formativa.

Concepções sobre leitura

Ao longo da vida académica, assim como na vida em geral, a leitura ocupa um lugar fundamental, ou seja, ela está sempre presente, pois as pessoas, frequentemente recorrem à leitura para o acesso às informações. Por isso é que a leitura é um processo universal de obtenção de significados. Os professores e a escola, em geral, devem ajudar o aluno a apropriar-se de estratégias que lhe permitam aprofundar a relação afectiva com as obras literárias. Estimular o gosto pela leitura implica que a escola proporcione ocasiões e ambientes favoráveis à leitura, como por exemplo, criação de bibliotecas escolares.

Silva (2005) esclarece que “a leitura ocupa, sem dúvida, um espaço privilegiando não só no ensino da Língua Portuguesa, mas também no de todas as disciplinas académicas que objectivam a transmissão de cultura e de valores para novas gerações” (p. 16).

O valor da leitura é evidente e indiscutível. Ela permite aprender o que está escrito, possibilita o contacto espiritual com os que estão ausentes no tempo e no espaço. Fixa e toma mais claros e precisos os conhecimentos, facilita o aproveitamento da experiência das gerações passadas, ao mesmo tempo, a tradição e o progresso.

Para Filho (s/d), a leitura é uma habilidade indispensável à vida social. É através dela que entendemos o mundo e interagimos com o outro, seja nos estudos, na nossa comunicação, na forma de nos expressarmos e nos conhecimentos que ela nos proporciona.

Conceitos de competência segundo Perrenoud

Dentro do processo de ensino-aprendizagem abordar a questão da competência é interessante, pois, deparamo-nos com reclamações dos fazedores da educação sobre o perfil de entrada dos alunos no I Ciclo e concomitantemente o perfil de saída. Quando se fala do perfil, vem logo a questão da competência.

"O conceito de competência não é novo. Ele começou a ser discutido mais amplamente na área pedagógica a partir da década de 1990, destinando-se ao ensino de crianças nas séries iniciais. No entanto, o conceito de competência ganhou tamanha amplitude que acabou incorporado pelo meio empresarial e industrial, que encontrou nele um aliado para os modelos recentes de gerenciamento de pessoas, baseados nos ideais da qualidade total" (Perrenoud, s/d, p. 150).

O conceito da competência é aplicável a todas as áreas de saber, mas, no contexto educativo, ele começou a ganhar mais ênfase na década de 90 como refere Perrenoud.

Partindo do princípio de que os seres humanos se desenvolvem pelas relações que estabelecem com seu meio, Perrenoud vê as competências não como um caminho, mas como um efeito adaptativo do homem às suas condições de existência. Desse modo, cada pessoa, de maneira diferente, desenvolveria competências voltadas para a resolução de problemas relativos à superação de uma situação, como, por exemplo, saber guiar-se no caminho de volta para casa a partir de um ponto de referência, o que mobiliza competências de reconhecimento ou mapeamento espacial; saber lidar com as dificuldades infantis, o que acciona competências pedagógicas; saber construir ferramentas, o que estimula competências matemáticas e lógicas, entre outras (Perrenoud, s/d).

A formação de competências nos alunos deve merecer destaque no ambiente escolar, porque o processo de ensino-aprendizagem tem como fim o desenvolvimento de conhecimentos sociais nos alunos. Nesta óptica, o aluno bem formado é aquele que reúne um conjunto de competências na área em que se formou, deve ter também o espírito crítico e ter a capacidade de transformar a sua realidade social.

Fundamentos metodológicos

Esta investigação apresenta um estudo descritivo quanto ao tipo e apresenta resultados quantitativos. Os principais métodos utilizados são a observação, análise-síntese, estudo documental e como técnica de colecta de dados utilizou-se o inquérito. Segundo Barros & Lehfeld (2007) consideram que na pesquisa descritiva,

"não há interferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objecto de pesquisa. Procura descobrir a frequência com que um fenómeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenómenos. A pesquisa descritiva engloba dois tipos: a pesquisa documental e/ou bibliográfica e a pesquisa de campo" (s/p).

Pois que, para Celvo, Bervian & Silva (2014):

Observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um objeto para dele obter um conhecimento claro e preciso. A observação é de importância capital nas ciências. É dela que depende o valor de todos os outros processos. Sem a observação, o estudo da realidade e de suas leis seria reduzido à simples conjectura e adivinhação (p. 31).

O inquérito foi aplicado a 500 alunos da 7.^a classe dos Complexos Escolares Delegado Eusébio Nelson e do Candjamba, e 6 professores das referidas escolas. Perfazendo uma amostra de 506.

Análise e interpretação de dados

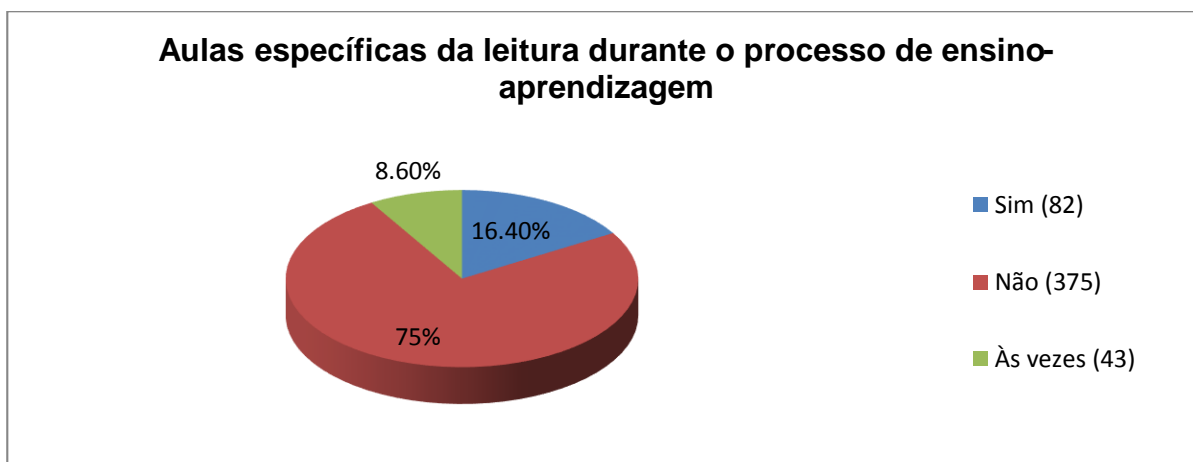


Figura 1. Resultados dos alunos.

Quando se questionou aos alunos se o professor tem desenvolvido aula específica da leitura, 75% afirmaram que não. Na realidade, nas escolas em estudo verifica-se, com base na observação das aulas, que os professores elaboram lições de classes de palavras (classes morfológicas como substantivos...) ou ainda, e por último recorrem à leitura de textos para a exploração dessas classes gramaticais no texto. E dificilmente os professores preparam uma aula de 45 minutos especificamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura nos alunos.

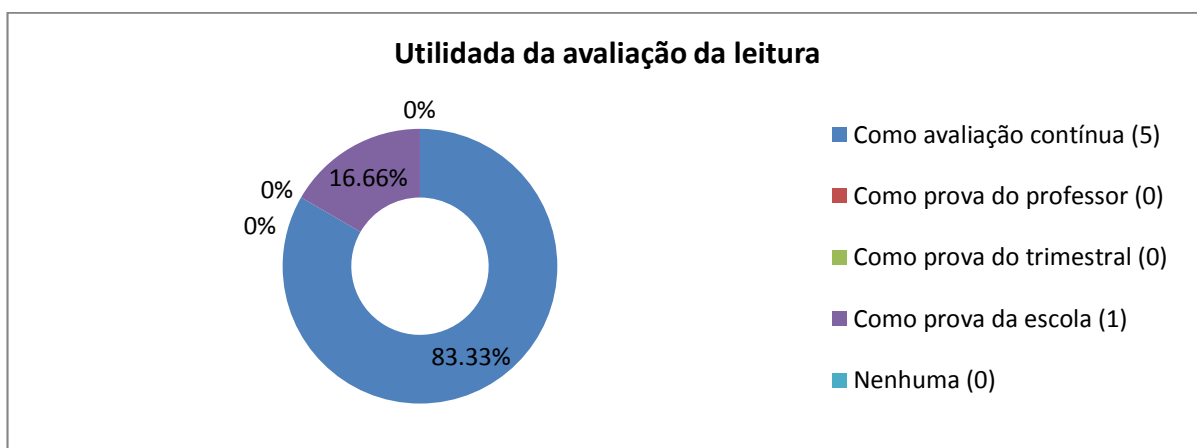


Figura 2. Resultados dos professores.

Perguntados se que finalidade têm dado aos resultados da avaliação das aprendizagens de leitura dos alunos, 83,33% responderam que têm servido apenas como avaliação contínua e 16,66% disseram que usam como prova da escola.

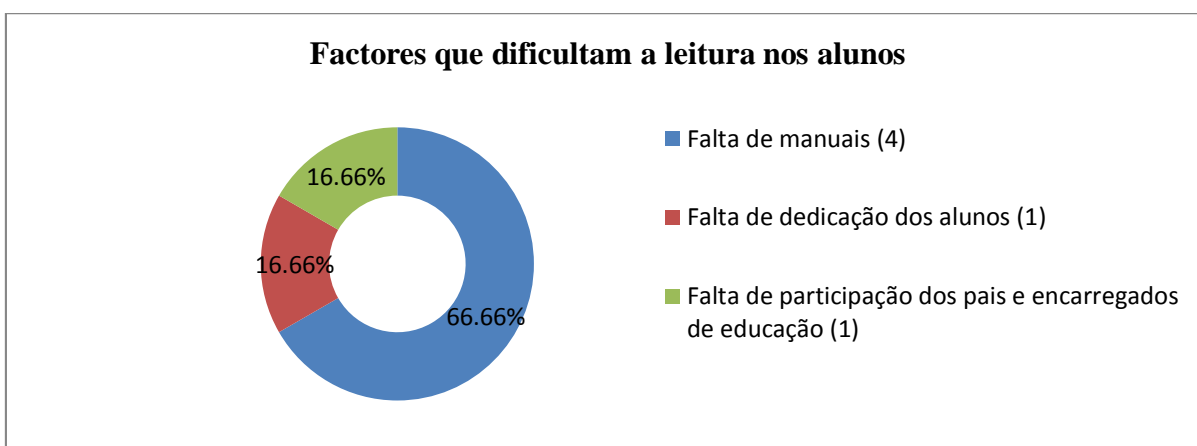


Figura 3. Resultados dos alunos.

Questionados se quais as dificuldades que enfrentam no processo de ensino-aprendizagem da leitura nos seus alunos, 66,66% dos inquiridos mencionaram a falta de manuais nos alunos, 16,66% disseram falta de dedicação dos alunos também constitui uma das dificuldades e 16,66% responderam falta de participação dos pais e encarregados de educação é um dos motivos.

CONCLUSÕES

Os profissionais da educação estão preocupados em encontrar mecanismos que ajudem o alcance da qualidade de ensino-aprendizagem. A avaliação das competências em leitura dos alunos pode facilitar a escolha de metodologias ajustadas por parte dos professores, com vista ao desenvolvimento de habilidades de leitura nos discentes.

Os resultados do inquérito espelham como principais factores que dificultam a aquisição de competências em leitura nos alunos: falta de manuais de leitura para os alunos, falta de aulas especiais de leitura e a falta de avaliação e correcção da leitura dos alunos. Por outro, os resultados da avaliação das competências em leitura dos alunos pouco têm valido nas avaliações das aprendizagens por parte dos professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, A. d. (2011). Concepções e práticas de avaliação de professores de Ciências da Natureza do 2º Ciclo do Ensino Básico: Um olhar dirigido para os testes de avaliação. Bragança.
- Barros, A. J., & Lehfeld, N. A. (2007). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Celvo, A. L., Bervian, P. A., & Silva da, R. (2014). *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Education 6. ed.
- Dias, M. H. (1999). Avaliação da aprendizagem. que significado lhe atribuem os docentes das tecnologias da saúde? Lisboa.
- Diniz, Y. (2020). Conheça os tipos de avaliação e veja como melhorar o desempenho escolar dos alunos. Disponível em: <https://educacao.imagine.com.br/tipos-de-avaliacao/>. Acesso em: 4 de Janeiro de 2021.
- Garcia, G. (2017). Descubra os melhores métodos de avaliação para seus alunos. Disponível em: <https://www.provaefacilnaweb.com.br/blog/metodos-de-avaliacao/>. Acesso em: 13 de Janeiro de 2021.
- Leitão, I. A. (2013). Os Diferentes Tipos de Avaliação: Avaliação Formativa e Avaliação Sumativa. Lisboa.
- Libâneo, J. d. (2006). Didáctica Geral. São Paulo: D. Quixote.
- Marta, M. J. (2010). Saber ler e ler para saber: a aquisição da leitura para melhor aprendizagem. Covilhã.
- Mateus, Y. B. (2017). Avaliação do desempenho docente: Estudo de caso da Escola de Formação de Professores de Benguela. São Paulo.
- Oliveira, I. & Amante, L. (2016). Avaliação das Aprendizagens: Perspetivas, contextos e práticas. Disponível em: https://www.academia.edu/31393929/Avalia%C3%A7%C3%A3o_das_Aprendizagens_Perspetivas_contextos_e_pr%C3%A1ticas. Acesso em: 3 de Janeiro de 2012.
- Perrenoud, Ph. (s/d). Philippe Perrenoud e a Teoria das Competências. Disponível em: <http://www2.videolivaria.com.br/pdfs/14867.pdf>. Acesso em: 10 de Fevereiro de 2021.
- Rampazzo, S. R., & Jesus, A. R. (2011). Instrumentos de Avaliação: Reflexões e Possibilidades de uso no Processo de Ensino e Aprendizagem. Londrina.
- Silva, E. T. (2005). A Produção da Leitura na Escola: pesquisas x propostas. São Paulo.
- Vieira, I. A. (2013). A autoavaliação como instrumento de regulação da aprendizagem. Lisboa.

Síntese curricular dos autores

Luís Sá Muongueno. Professor do Ensino Geral, colocado na Escola Ex-Polícia da Guarda Fronteiriça de Angola/ Dundo, desde 2018 lecciona a disciplina de Língua Portuguesa na 7.ª classe. Actualmente, é mestrando em Ciências da Educação na Escola Pedagógica da cidade do Dundo/ Lunda Norte, afecta à Universidade Lueji A Nkonde, com a seguinte linha de pesquisa: "Linguagem e Educação".

João Muteteca Naege. Professor Auxiliar na Universidade Lueji A Nkonde; Investigador do Centro de Estudos e Desenvolvimento Social-Universidade Lueji A Nkonde, Angola (CEDESULAN). Investigador do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora (CELUÉVORA), Portugal. Orientador de vários trabalhos de Licenciatura e Dissertações de Mestrado, autor de diversos artigos científicos publicados em Angola, Portugal, Brasil e Itália.